**“Minha vida é bem complicada”: Trabalhadores e alternativas na cidade de Marechal Cândido Rondon, no limiar do século XXI**

Daniela Melo Rodrigues(PIBIC/CNPq/Unioeste), Sheille Soares de Freitas(Orientadora), e-mail: danielamelorodrigues@hotmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras/Marechal Cândido Rondon, PR

Ciências Humanas - História

**Palavras-chave:** Trabalhadores, trajetórias, Marechal Cândido Rondon-PR

**Resumo**

O presente trabalho pretende destacar a dinâmica existente nas trajetórias dos trabalhadores, no chegar e buscar se estabelecer na cidade de Marechal Cândido Rondon-PR, no limiar do século XXI. A intenção é analisar de que maneira essas pessoas enfrentam pressões do chegar e permanecer na cidade, visando à produção de alternativas. Investigar como esses elementos estão presentes em seus modos de vida e desafios a serem encarados. Tenho como motivação para essa reflexão discutir as trajetórias constituídas de momentos “bem complicados”. Assim, para problematizar as mudanças e permanências nos percursos desses trabalhadores, busquei realizar entrevistas com os mesmos, analisar os cadastros do Centro de Referência e Assistência Social, juntamente com o jornal O Presente. Essas evidências mesmo sendo desafiadoras para análise, permitiram ampliar minhas questões frente às relações construídas por esses sujeitos.

**Introdução**

Ao analisar os trabalhadores possuímos uma tarefa repleta de desafios, suas trajetórias compreendem uma dinâmica da qual acredito ser fundamental para refletirmos acerca da sociedade em que esses estão inseridos, assim como sua condição de classe. Os deslocamentos desses sujeitos e seus percursos é o que pretendi e espero continuar a problematizar, sendo a cidade de Marechal Cândido Rondon-PR um dos possíveis locais ponderados por eles para morar.

Trabalhadores que, para além da condição de trabalho, possuem experiências que me instigam a explorar seus modos de vida, conflitos, disputas, frente ao ir e vir. O limiar do século XXI não abarca a trajetória de muitos sujeitos por completo, as interpretações das quais entrei em contato ultrapassam esse período, entretanto isso não significa dizer que partir desse recorte não permita que os momentos anteriores apareçam. As evidências são construídas, assim sendo possível observar que as mesmas ultrapassam uma linearidade e trazem um conjunto de avaliações sobre diversos períodos. Mais do que trazer uma abordagem acerca daqueles considerados nos mais variados contextos históricos como vencidos, pretendo avançar e refletir sobre a forma com que esses trabalhadores estão constituindo seus percursos e alternativas. Ao pensar nessas trajetórias busco analisá-las nas dimensões do social, como lidam com os problemas frequentes para muitos como a renda, a escolarização, saúde, desemprego, moradia. Investigando o deslocar-se de uma cidade para outra em sua complexidade de fatores e sobre qual lógica esses sujeitos produzem suas movimentações.

**Material e Métodos**

Buscando analisar quais eram as expectativas dos trabalhadores ao chegarem a Marechal Cândido Rondon, como lidaram com o estar em uma nova cidade, quais desafios e conflitos enfrentam frequentemente, volto-me para as evidências. O jornal O Presente foi uma das fontes que explorei, investiguei até o momento, as reportagens de 1994. Para assim conseguir analisar como os trabalhadores aparecem na cidade, mesmo com as intencionalidades do jornal, construídas ao longo dos anos, o desafio de lidar com evidências que não foram produzidas pensando nas nossas problemáticas permanece.

Para além do O Presente, procurei construir diálogos com esses trabalhadores através de entrevistas, considerando que “A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias.” (Portelli, 1996, p.72), sendo aqui o desafio conseguir analisar a complexidade que forma a trajetória dos trabalhadores, as alternativas que constroem e avaliam como possíveis, ou seja, seus “campos de possibilidades”.

Outro material que torna possível problematizar os deslocamentos desses sujeitos no ir, ficar ou partir da cidade são os cadastros do Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) da cidade. Eles apresentam como dados, muitos indícios sobre as diversas famílias dos doze bairros da cidade, assim o analiso como umas das possiblidades enfrentadas por esses sujeitos, ao precisarem lidar com problemas muitas vezes compartilhados em relação às condições de vida.

Interessa investigar mais do que o trabalho, chegando nas experiências desses sujeitos. Pois mesmo com as diversas pressões – seja das vizinhas que possuem uma casa melhor, o desemprego, as despesas diárias, os gastos com a saúde – os trabalhadores possuem seus horizontes e movimentações na sociedade (Santos, 2012; 2016). O Mundo dos Trabalhadores torna possível abarcar as dimensões das relações de poder em sua totalidade, evidenciando que mais do que os vencidos, esses sujeitos constroem, mesmo na desigualdade, seus caminhos e alternativas de luta.

**Resultados e Discussão**

O chegar dos trabalhadores a uma nova cidade, muitas vezes sem possuir muitos conhecidos, torna esse momento desafiador. As possíveis alternativas são frequentemente produzidas por esses sujeitos, sendo a cidade de Marechal Cândido Rondon uma das decisões. Considero que as motivações para os deslocamentos são diversas e uma de minhas entrevistadas me auxiliou a olhar para essa complexidade ao interpretar seus percursos. Dona Violeta, aos 51 anos aceitou de prontidão conversar comigo sobre suas experiências, ela nasceu em São Miguelzinho, fugindo com o futuro marido para o Paraguai, veio para Rondon há 20 anos.

Quando morava no país vizinho possuía uma terra, junto com seu marido, entretanto após o mesmo a trair e levar grande parte do dinheiro que possuíam, ela se viu frente à necessidade de conseguir sustentar todos em casa. Após três meses, o marido retornou para casa.

**Então ai Senhora continuou morando lá, nesse mesmo sítio?**

Nessa mesma casa [...]. Dai meu piá falou “Ó, se a mãe quer ficar aqui, a mãe fica, agora eu vou me embora, aqui eu não fico mais”. [...] nessa época ele [marido] veio pra cá, pedindo desculpa, pedindo perdão e tal[...] Ai ele [marido] pegou e falou “Não, então vamo vender esse gado e vamo comprar uma casinha lá em Rondon”.

**Mas o seu menino conhecia alguém aqui em Rondon?**

Não.

**A Senhora tinha parente aqui?**

Não, tinha ninguém, ninguém. Só meu piá tinha um amigo dele queee ...um dia ele foi lá, lá no Paraguai [...] Ai ele [marido] veio e comprou essa casinha pra nois. Ai largou nois ali, pego e voltou pra lá pra vender o gado, pra vir trabalhar pra cá. Ele [marido] chegou lá e vendeu o resto do gado e voltou com a mulher, aquela de novo ... Ixxe a minha vida é bem complicada. Voltou lá pro Paraguai, meeeeeeeu e eu esperando ele, ele não dava noticia, não dava noticia...[[1]](#footnote-1)

A decisão de mudar de cidade foi uma das alternativas encontradas pela família frente aos desencontros familiares. O filho com o intuito de servir o exército, Violeta buscando formas de reerguer-se frente ao momento que havia passado com o marido, apresenta mudanças com as mais variadas motivações, que tornam cada trajetória “bem complicada” na sua complexidade, o que não deve nos impedir de analisar que esses sujeitos possuem também condições compartilhadas. Seus percursos são marcados por mudanças, expectativas de mudanças e algumas permanências, que indicam como avaliam suas possibilidades que possuem socialmente para alterar essa realidade. O chegar de Violeta e de demais trabalhadores, trazem os mesmos saindo de certas lógicas analisadas ao se investigar a sociedade e seus frequentes deslocamentos, pois mesmo possuindo terra no Paraguai, reavaliaram essa condição de pequenos proprietários.

Muitos trabalhadores lidam com dificuldades ao chegar em uma nova cidade, o “Não tinha ninguém” para auxiliar nessa nova fase, a torna mais desafiadora. É corriqueiro analisarmos que o desemprego perdura por não possuírem conhecidos na cidade, que possa indicá-los como aqueles que “trabalham bem”. A diarista Mara de 32 anos, havia chegado à cidade há aproximadamente dois anos, quando fez seu cadastro do CRAS em 2009.

Trabalhou no CRAS em troca de cesta básica. Declarou que é diarista uma vez por semana, ganhava R$80,00, o marido estava desempregado

Anotações:

Mora em Marechal a um ano aproximadamente, não está conseguindo trabalho e parece ser favorável em troca de trabalho.[[2]](#footnote-2)

Na cidade esses trabalhadores precisam lidar com o agora, para além do local onde irão morar, há também as despesas serão pagas, a escolarização para os filhos (ou para eles mesmos), o desemprego. Mara antes de começar a fazer serviços de diaristas se viu frente à dificuldade de “não está conseguindo trabalho”, na qual viu o trabalhar em troca de comida como uma alternativa mediante a determinadas pressões e relações de poder a serem enfrentadas. Sendo o conquistar Cestas Básicas uma das formas encontradas para amenizar os problemas que possuíam frente ao desemprego, conseguindo alimentar a família constituída por seu marido e três filhos e poder decidir mesmo sobre pressão qual trabalho irá fazer. Para além dessa questão, Mara e muitos dos trabalhadores que vão ao CRAS enfrentam o chegar ao órgão, pois precisarão lidar com determinadas avaliações realizadas por parte da sociedade, incluindo os atendentes, outros trabalhadores, familiares, vizinhança etc.

Os trabalhadores disputam seus espaços na cidade e, ao analisar o jornal O Presente pude perceber como mesmo ele possuindo determinadas intencionalidades, promovendo por diversas vezes uma cidade em progresso, os sujeitos e seus modos de vida não deixam de ganhar visibilidade. Em um dos diversos classificados encontrei Juarez, anunciando “*OFEREÇO*. Serviços de instalação de antenas para TV. Apenas nos finais de semana.”[[3]](#footnote-3). Mesmo se tratando de um trecho de poucas linhas, é possível refletir acerca da condição enfrentada pelo trabalhador. O trabalhar “apenas nos finais de semana” sugere que essa é uma saída encontrada para complementar a renda mensal, indica Juarez reconhecendo postos de trabalho na cidade e demandas por esses serviços.

**Conclusões**

A multiplicidade das trajetórias e formas como essas são produzidas nos fazem analisar para além dos sujeitos, percebendo as relações que constroem, seja aquelas que precisam enfrentar no convívio social seja aquelas que os auxiliam em momentos de solidariedade e identificação de classe. O Mundo dos Trabalhadores não deixa jamais de ser um desafio devido à sua complexidade, pois “A medida que alguns autores principais da história [...] retiram-se da nossa atenção, um imenso elenco de suporte [...] força sua entrada em cena.” (Thompson, 2001, p.234). Procuro ultrapassar e pensar como é possível analisar os trabalhadores e sua experiência “bem complicada” na dinâmica social contemporânea. Pretendo continuar minha análise acerca desses sujeitos, buscando problematizar seus deslocamentos e expectativas frente a uma nova cidade, assim como encaram os desafios de estar em Marechal Cândido Rondon.

**Agradecimentos**

Agradeço o apoio financeiro do CNPq nos últimos cinco meses dessa pesquisa.

**Referências**

Santos, Carlos Meneses de Sousa (2016). *Trabalhadores em movimento*: Horizontes abertos em Marechal Cândido Rondon-PR: Segunda metade do século XX e inicio do XXI. Jundiaí, Paco Editorial. 240p.

Thompson, E. P (2001). Folclore, Antropologia e História Social. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos* (p.227-268). Campinas, SP: Unicamp.

1. Violeta (pseudônimo). Entrevista realizada por Sheille Soares de Freitas e a autora. A gravação foi realizada na residência da entrevistada, no dia 05 de março de 2015, com a duração de 1:35:42h. Marechal Cândido Rondon-PR. Agradeço o auxilio de Freitas para a realização da entrevista. [↑](#footnote-ref-1)
2. CRAS *[Ficha de cadastro e anotação]*. Mara (pseudônimo)/Ficha Cadastral no Centro de Referência de Assistência Social. Marechal Cândido Rondon, 23/12/2010, Bairro Alvorada [↑](#footnote-ref-2)
3. JUAREZ. Ofereço. Classificados. *O Presente*. Ano II, nº 142, 19 de agosto1994. p.19. [↑](#footnote-ref-3)